



**ALYNE RIBEIRO SOUZA AFONSO
BREMDELLIN GABRIEL RAMOS**

**A REALIZAÇÃO DA EPÊNTESE VOCÁLICA INICIAL
EM ENCONTROS /st/ E /sp/ POR APRENDIZES DE INGLÊS
COMO L2: UM ESTUDO DE INTERFONOLOGIA BASEADO NO
CORPUS COBAI**

**LAVRAS – MG
2021**

**ALYNE RIBEIRO SOUZA AFONSO
BREMDELLIN GABRIEL RAMOS**

**A REALIZAÇÃO DA EPÊNTESE VOCÁLICA INICIAL EM ENCONTROS /st/
E /sp/ POR APRENDIZES DE INGLÊS COMO L2: UM ESTUDO DE
INTERFONOLOGIA BASEADO NO CORPUS COBAI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Colegiado do Curso de Letras, para obtenção do
título de Licenciado(a) em Letras
Português/Inglês e suas literaturas.

Dra. Raquel Márcia Fontes Martins
Orientadora

**LAVRAS – MG
2021**

AGRADECIMENTOS (BREMDELLIN GABRIEL RAMOS)

Agradeço a Deus por ter me proporcionado a oportunidade de seguir o meu sonho e ter iluminado os meus caminhos para que eu conseguisse chegar até aqui.

Agradeço imensamente aos meus pais, José Ramos e Aparecida Lazara, pelo amor, carinho e incentivo dedicados a mim para que eu pudesse estudar e ir em busca de realizar os meus sonhos.

Agradeço às minhas irmãs, Camila e Dara, e ao meu cunhado, Luiz Fernando, por todo apoio e pela compreensão nos momentos de ausência.

Agradeço a todos os meus amigos, especialmente Jessiara Ribeiro e Marina Leão por terem dividido comigo tanto os bons momentos quanto as dificuldades. Obrigado por serem verdadeiras companheiras nesta jornada.

Agradeço a minha Prof^a. Dra. Raquel Márcia Fontes Martins, que me orientou na realização do meu projeto de iniciação científica e na produção desse trabalho final de conclusão de curso. Obrigado por toda paciência e por ter trabalhado comigo e muito ter me ensinado durante esses anos.

Agradeço, por fim, a todos os professores(as) maravilhosos(as) que fizeram parte da minha formação, bem como agradeço à Universidade Federal de Lavras, que me proporcionou tantas mudanças e conhecimentos essenciais ao longo desses quatro anos.

AGRADECIMENTOS **(ALYNE RIBEIRO SOUZA AFONSO)**

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por me sustentar e guiar meus passos por essa jornada tão desafiadora.

Agradeço ao meu esposo Renato e minhas filhas Ana Júlia, Renata e Rafaela pela paciência, carinho e compreensão durante todo o período de graduação. O amor que recebi de vocês certamente me deu ânimo para continuar quando tudo parecia muito difícil.

Agradeço aos meus pais José Maria e Cida, por terem me mostrado desde sempre o valor da educação, mas, sobretudo, que *o mais importante é o amor*. Essa conquista também é de vocês.

Aos meus irmãos Samuel e Simone, que sempre cuidaram de mim, me incentivaram e acreditaram que era possível. Vocês não imaginam o quanto sou grata por ser a caçula de vocês!

Ao Brendellin, meu companheiro de TCC, que me acolheu em uma turma que não era minha e não me deixou desistir desse trabalho, mesmo quando parecia impossível. Obrigada, amigo, por cada jantar no RU e conversas na cantina que me fizeram sentir menos perdida entre tantos estudantes bem mais novos que eu. Nossas diferenças nos fizeram uma dupla incrível!

Um agradecimento muito especial à nossa orientadora Raquel, pela paciência, pelo exemplo como docente, pela humanidade, atenção e carinho dispensados durante todo o período de graduação e de modo especial neste trabalho.

À todos os professores e professoras do DEL/UFLA, com um destaque para Sheilla e Gasperim, que me marcaram positivamente não apenas academicamente, mas também em um nível pessoal. Certamente seus ensinamentos me motivaram a dar sempre o melhor de mim, e nunca desistir.

Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.

(Paulo Freire)

RESUMO

Esta pesquisa descreve e analisa a pronúncia dos falantes nativos do português brasileiro durante o processo de aquisição da língua inglesa como segunda língua, a qual apresenta, como ponto central, a produção do fenômeno da epêntese vocálica [ɪ] em posição inicial das palavras da língua inglesa, iniciadas com os encontros consonantais (*clusters*) /st/ e /sp/. Os dados foram coletados por meio das gravações dos informantes que compõem o corpus COBAI, (Corpus de Brasileiros Aprendizes de Inglês) coordenado pelos professores da Universidade Federal de Minas Gerais, Heliana Ribeiro de Melo e Tomaso Raso (2012). A pesquisa está embasada na teoria da Aquisição de Segunda Língua como um Sistema Adaptativo Complexo (LARSEN-FREEMAN, 1997) e na teoria da Interlíngua (SELINKER, 1972). A escolha dos informantes se deu pelo critério das variáveis disponíveis nos metadados, a saber: tempo de estudo de inglês em escola de idioma e na universidade, intercâmbio em país anglófono e fluência em outros idiomas. Para além disso, foram analisados, no total, dez aprendizes brasileiros de língua inglesa divididos em grupos de dois aprendizes em cada variável. Com base na análise realizada, foi possível verificar que o percentual de ocorrências com o fenômeno linguístico da epêntese vocálica varia em cada grupo devido aos fatores que interferem no processo de aquisição de segunda língua de cada indivíduo.

Palavras-chave: Epêntese vocálica. Aquisição de segunda língua. Língua inglesa.

ABSTRACT

This research describes and analyzes the pronunciation of Brazilian Portuguese native speakers during the process of acquiring English as a second language, which presents, as a central point, the production of the phenomenon of vowel epenthesis [ɪ] in the English language's initial position, which starts with the cluster /st/ and /sp/. The data were collected through the recordings of the informants who compose the corpus COBAI (Corpus of Brazilian English Learners) coordinated by the professors of the Federal University of Minas Gerais, Heliana Ribeiro de Melo and Tomaso Raso (2012). The research is based on the Second Language Acquisition theory as a Complex Adaptive System (LARSEN-FREEMAN, 1997) and the Interlingua theory (SELINKER, 1972). The choice of informants was based on the criteria of the variables available in the metadata, namely: time spent studying English in a language school and university, exchanges in an English-speaking country and fluency in other languages. Furthermore, ten Brazilian English language learners were analyzed, divided into groups of two learnings in each variable. Based on the analysis carried out, it was possible to verify that the percentage of occurrences with the linguistic phenomenon of vowel epenthesis varies in each group due to the factors that interfere in acquiring a second language for each individual.

Keywords: Vowel epenthesis. Second language acquisition. English language.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
2.1	Teorias de Aquisição da Linguagem.....	8
2.2	Aquisição da segunda língua na perspectiva da complexidade.....	10
2.3	A noção de interlíngua	12
2.4	Epêntese vocálica	14
3	METODOLOGIA.....	17
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	19
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
6	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	29

1 INTRODUÇÃO

Truncamentos na produção oral de aprendizes de língua inglesa, como segunda língua, não são incomuns, bem como na produção oral da língua materna de falantes nativos da língua portuguesa. Segundo o linguista estadunidense Larry Selinker (1972), são encontradas, durante a aquisição de segunda língua, inúmeros processos linguísticos divergentes e, dentre esses processos, destaca-se o da transferência linguística (fonológica, morfológica, sintática, lexical) da língua materna do indivíduo, que é oriunda do falante, para a sua língua-alvo.

Considerando essa reflexão, o propósito desta pesquisa é investigar, na oralidade dos falantes do português brasileiro, aprendizes da língua inglesa, por meio do corpus COBAI (Corpus Oral Brasileiro de Aprendizes de Inglês), a ocorrência do fenômeno da epêntese vocálica inicial nos encontros consonantais iniciais /st/ e /sp/, que é um exemplo típico de truncamento na produção oral de estudantes brasileiros. Compreende-se a epêntese vocálica, segundo Silva (2011), como um “fenômeno de inserção de uma vogal de apoio entre as consoantes em encontros consonantais que envolvem oclusivas, africadas, nasais ou fricativas” (SILVA, 2011, p.99). Tal evento, na produção oral de aprendizes de inglês como segunda língua, pode ser entendido como uma *transferência linguística* dos padrões silábicos da língua materna (L1) para a segunda língua (L2), o que é evidenciado, por Selinker (1972), como parte da interlíngua do aprendiz.

Este estudo reúne uma sucinta revisão da literatura base, que inclui as algumas concepções das teorias de aquisição da linguagem, a aquisição da segunda língua sob a perspectiva da complexidade, a teoria da interlíngua e o fenômeno da epêntese vocálica. Posteriormente, serão apresentadas a metodologia utilizada ao longo da pesquisa, a análise desenvolvida e as considerações finais deste estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Teorias de Aquisição da Linguagem

Nesta seção, será abordada a fundamentação teórica na qual se baseia a presente pesquisa, considerando as teorias de aquisição de segunda língua que refletem diretamente no ensino e aprendizagem de pronúncia e nos aspectos inerentes a ela. É válido ressaltar,

inicialmente, que, ao longo dos anos, diversas teorias foram desenvolvidas no ramo da aquisição da linguagem. Vejamos algumas das principais teorias.

A teoria Behaviorista está ligada ao pensamento empirista, que assume o conhecimento como produto da experiência. Del Ré (2018) aponta que o Behaviorismo tem como principal representante o psicólogo comportamentalista Frederic Skinner (1957). No campo da linguística, Leonard Bloomfield (1887-1949), linguista estruturalista, se destaca nos estudos da teoria behaviorista aplicada à linguística.

Essa teoria, também denominada como “teoria comportamental”, é, de acordo com Martins (2008) considerada, na psicologia, um método de investigação psicológica que procura examinar de modo pragmático o comportamento humano e dos animais, com foco nos fatos objetivos (estímulos e respostas), desconsiderando a introspecção, isto é, observação e descrição do conteúdo (pensamentos, sentimentos) da própria mente.

Ao tratar da aquisição de segunda língua, a teoria Behaviorista busca explicar os fenômenos da comunicação linguística e da significação na língua em termos de estímulos observáveis e respostas produzidas pelos falantes em situações e contextos específicos. Cezário e Martelotta (2008), ao fazerem alusão à perspectiva behaviorista, destacam que a aquisição ocorre em consequência da sequência “estímulo, resposta e reforço”, na qual o indivíduo é tido como receptor passivo que recebe reforço positivo (recompensa), quando há acertos, e reforço negativo, quando não há acertos. No behaviorismo, "A estrutura não está no indivíduo, nem é construída por ele, mas está no exterior, fora do organismo." (SANTOS, 2010). Dessa forma, nessa perspectiva, o indivíduo pouco importa, sendo o foco dos estudos o meio externo.

Ampliando a compreensão, a teoria inatista ou gerativista, defendida pelo linguista norte-americano Chomsky (1965), emerge na segunda metade do século XX. O Gerativismo considera que as condições do indivíduo para adquirir as habilidades de uma língua são pré-determinadas geneticamente, ou seja, o indivíduo dispõe de uma Gramática Universal (GU) inata, que integra as regras e normas semelhantes de todas as línguas e que lhe fornece a possibilidade de selecionar as normas linguísticas que estão operantes na língua que ele está adquirindo (SANTOS, 2010). Veremos adiante que é possível relacionar a ideia de Gramática Universal com o conceito de interlíngua, haja vista que na interlíngua o aprendiz produz “enunciados exclusivos ou inéditos” (PAIVA, 2014)

Enquanto para o behaviorismo mais importa o meio externo e a memorização dos dados oferecidos pelo ambiente, o gerativismo concentra sua atenção ao interior do indivíduo e sua suposta capacidade genética para aprender uma língua, sem dar muita importância aos fatores externos, exceto pelo fato de admitir que a pobreza de estímulo pode ocasionar a ausência do

desenvolvimento em uma língua, pois nessa perspectiva, o estímulo funciona como uma “chave” que aciona o conhecimento. Para envolver, então, os fatores externos e internos e, sobretudo, a indispensável conexão entre eles, surgem as propostas construtivistas, desenvolvidas por Piaget e Vygotsky.

A concepção cognitivista foi apresentada pelo biólogo Jean Piaget (1978). É importante ressaltar que Piaget “não está interessado na aquisição da linguagem, mas na relação linguagem/pensamento” (Del Ré, 2018, p. 22). Piaget entende que o conhecimento é construído pelo sujeito por meio da experiência e da interação com o mundo físico. Essa teoria tem grande foco na cognição individual, e não se ocupa da interação social.

Já a visão interacionista ou sócio-interacionista, proposta pelo psicólogo soviético Vygotsky (1996), postula que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento é construído graças à *interação* “sujeito e meio externo” (físico e social). Aqui há, ao contrário do pensamento de Piaget, uma maior preocupação com o social. O conhecimento, segundo essa teoria, não é externo ou interno ao indivíduo, mas fruto da interação entre sujeitos. Del Ré (2018) aponta que Vygotsky considera que “todo conhecimento se constrói socialmente pela aprendizagem na interação com os outros” (p.23). Ou seja, o foco dos estudos interacionistas não está limitado ao estímulo externo ou aos fatores genéticos, mas na relação entre eles.

2.2 Aquisição da segunda língua na perspectiva da complexidade

Ao longo do tempo, diversos estudos têm sido empreendidos no sentido de buscar compreender e teorizar o fenômeno da Aquisição de Segunda Língua (ASL). Paiva (2014), em seu livro *Aquisição da Segunda Língua*, faz referência à notável teoria de Larsen-Freeman que associa a ciência do caos/complexidade à ASL.

A teoria da complexidade não é intrínseca à linguística. Na verdade, é originada na

Química e na Física, áreas de conhecimento científico que permitem à Linguística, por exemplo, explorar a complexidade sob vieses outros, nos quais há tensão gerada entre teorias distintas, mas que dialogam, convocam os linguistas à proposição de novos construtos teóricos dentro do agir-pensar a Linguística. (PAIVA e CORRÊA, 2016, p.397 e 398)

É importante salientar, também, que existem diferentes nomenclaturas para o que Larsen-Freeman chama de “ciência do caos/complexidade”, tais como: sistemas adaptativos complexos, teoria dos sistemas dinâmicos complexos ou sistemas não lineares, que podem corresponder a diferentes teorias com focos e histórias específicos, que formam um conjunto

de teorias em que o ponto em comum é “o foco no desenvolvimento de um sistema complexo ao longo do tempo” (BOT, 2008, p.167, apud PAIVA, 2014, p.141).

Ao se fundamentar em Larsen-Freeman, Paiva aponta que os sistemas complexos são “complexos e não lineares; caóticos, imprevisíveis, sensíveis às condições iniciais; abertos, auto organizáveis, sensíveis a feedback e adaptativos; apresentando atratores estranhos e formas fractais” (PAIVA, 2014, p. 142). Analisando tais características, fica evidente a relação entre a Teoria da Complexidade e a Aquisição de Segunda Língua. Isto é, ao entendermos que as características atribuídas à teoria da complexidade se aplicam à Aquisição de Segunda Língua, podemos, então, classificar a ASL como um sistema adaptativo complexo. Esta pesquisa considera a perspectiva da complexidade.

Paiva, ao citar Larsen-Freeman e Long (1991), enumera alguns fatores que influenciam na ASL: “idade, aptidão, fatores sociopsicológicos como motivação e atitude, fatores de personalidade, estilos cognitivos, hemisférios do cérebro, estratégias de aprendizagem, sexo, ordem de nascimento, interesses etc” (PAIVA, 2014, p. 146).

Por outro lado, Rod Ellis, que desenvolve uma importante pesquisa na área, em seu livro “Understanding Second Language Acquisition”, discorre sobre os sistemas dinâmicos:

A Teoria dos Sistemas Dinâmicos, (TSD) assim como outras abordagens para investigar a variabilidade, vê a variação como inerente aos sistemas da linguagem mas - ao contrário de outras abordagens - não procura identificar os fatores sociais e linguísticos específicos que predizem a variação. (ELLIS, 2015, p. 158)

Ou seja, ao associar a ASL aos Sistemas Adaptativos (ou dinâmicos), assumimos que a variação é inerente à linguagem. Inexiste, contudo, a preocupação de se especificar ou delimitar quais os fatores são responsáveis pela variação, uma vez que tais fatores podem ser imprevisíveis.

Cabe dizer, entretanto, que, ainda se baseando em Larsen-Freeman, Paiva postula também que a ASL deve ser entendida não como *aquisição*, mas como *progressão*. Isso porque, segundo a autora, o processo de aprendizagem de segunda língua está sujeito à alterações, mudanças e instabilidade. Além disso, a autora chama a atenção para o fato de que a ASL faz parte de um contexto social e, portanto, funciona a partir de interações com o outro, mas, também, é interna ao indivíduo. Essa ideia deixa, de certa forma, espaço para a imprevisibilidade apontada por Ellis.

A partir dos pressupostos observados até aqui, Paiva aponta para a noção de interlíngua, que pode ser definida como uma língua intermediária entre a primeira língua e a língua-alvo, sendo, portanto, parte importante do *processo* de Aquisição de Segunda Língua.

2.3 A noção de interlíngua

A interlíngua é considerada uma teoria extremamente significativa para a aquisição de segunda língua. Segundo Paiva (2014), a ideia de tal conceito, ocorreu, inicialmente, por meio do trabalho de Pit Corder (1967) e foi, mais tarde, aprofundada e propagada pelo linguista norte-americano Larry Selinker, o qual passou a ser considerado um grande discípulo de Stephen Pit Corder.

Pit Corder dedicou-se ao estudo dos *erros*, produzidos pelos aprendizes, defendendo a ideia de que tais erros decorrem da influência da língua materna e são considerados como parte importante no processo da aquisição de segunda língua. Ele assegura que os erros seguem certos padrões que acabam por evidenciar a existência da chamada *gramática universal*. Segundo a autora Vasseur (2018) – em *Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística* – a partir da formação do conceito de interlíngua, também chamada de *língua de aprendiz*, as análises dos aprendizes de língua estrangeira afastaram-se da noção do erro e foram marcadas, de acordo com Paiva (2014), “por um alto grau de sistematicidade” (p. 160).

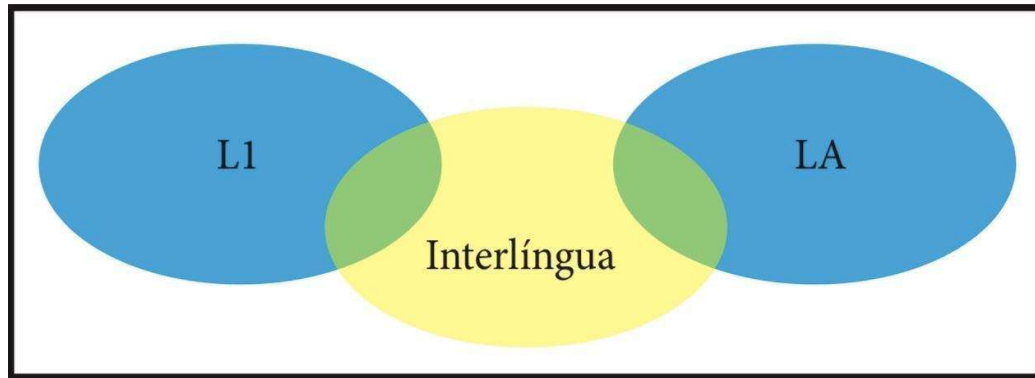
O conceito de interlíngua é definido pelo linguista Selinker como “um sistema linguístico separado, o qual se aprende quando o aprendiz tenta, em seu output, produzir uma norma na língua-alvo” (SELINKER, 1972, p. 214). Paiva (2014) postula que, apesar da existência de traços tanto da língua materna quanto da língua estrangeira ou da língua-alvo, a interlíngua apresenta, também, enunciados exclusivos ou inéditos que evocam o conceito de gramática universal, proposto por Chomsky.

Fundamentadas em Ellis (1995), Leite e Weissheimer (2013), ao discorrer sobre a teoria da interlíngua, caracterizam-na como “um sistema maleável, flexível e que difere dos outros sistemas justamente devido ao seu alto grau de permeabilidade” (LEITE; WEISSHEIMER, 2013, p. 422). Isso significa dizer que, ao contrário de outras línguas, a interlíngua é extremamente suscetível a variações que ocorrem entre aprendizes. Em outras palavras, é possível alegar que a interlíngua é intrínseca ao indivíduo que aprende uma nova língua.

Diante dessas afirmações, pode-se alegar que “a Interlíngua funciona como um terceiro sistema independente do sistema de L1 e também do sistema de LA que está sendo aprendido”

(LEITE; WEISSHEIMER, 2013, p. 422). Para ilustrar esse processo linguístico, as autoras propõem a seguinte representação gráfica:

Figura 1 – Interlíngua



Fonte: Leite e Weissheimer (2013, p. 422)

Selinker (1972) identificou cinco processos psicológicos centrais que se vinculam à composição da interlíngua. O primeiro processo, *transferência linguística*¹, refere-se à interferência da língua materna nas produções da língua-alvo. O segundo, *transferência de treinamento*², é o processo de transferência dos conhecimentos adquiridos para o processo de aprendizado. O terceiro, *estratégias de aprendizagem de segunda língua*³, corresponde ao uso constante de estratégias simplificadas da língua-alvo. O quarto, *estratégias de comunicação em segunda língua*⁴, é definido como um comportamento estratégico adotado pelo falante que sabe o suficiente da LA para se comunicar plenamente com nativos. Por fim, o quinto processo, se refere a *supergeneralização do material linguístico da língua-alvo*⁵, que ocorre quando o aprendiz entende como gerais regras e aspectos semânticos que são, na verdade, específicos para determinadas situações na língua-alvo.

Os cinco processos centrais são apresentados pelo linguista Larry Selinker (1972) como parte do mecanismo de fossilização, que tende a ser conservado na interlíngua. A fossilização, segundo Selinker (1972), está presente na *estrutura psicológica latente*⁶, na qual pode ser

¹ Language transfer (Selinker, 1972)

² Transfer-of-training (Selinker, 1972)

³ Strategies of second-language learning (Selinker 1972)

⁴ Strategies of second-learning communication (Selinker, 1972)

⁵ Overgeneralization of the TL linguistic material (Selinker, 1972)

⁶ Arranjo já formulado no cérebro, que é ativado sempre que um adulto tenta produzir sentidos construídos previamente numa segunda língua que está aprendendo. (SELINKER, 1972, p.229)

ativada em qualquer estágio de fluência do falante de língua estrangeira. O autor explica que a fossilização, considerada

um mecanismo que também existe nessa estrutura psicológica latente, é base do material linguístico superficial que os falantes tenderão a manter em sua performance produtiva de IL, independentemente da idade do aprendiz ou do montante de treinamento que recebe na LA. (SELINKER, 1972, p.229)

Diante do exposto, pode-se dizer que a fossilização se caracteriza pela reaparição dos *fenômenos linguísticos fossilizáveis*⁷, presentes na estrutura psicológica latente, em qualquer estágio de fluência que um determinado indivíduo aparenta estar. Selinker (1972) salienta que, independentemente da idade do aprendiz de L2 ou da quantidade de instrução que ele recebe na língua-alvo, o processo de fossilização pode reaparecer, mesmo havendo “sucesso” na aquisição de uma segunda língua.

Na próxima seção, será apresentado o fenômeno fonológico da epêntese vocálica como um exemplo de fossilização da interlíngua de aprendizes brasileiros oriunda do processo de aquisição de Língua Inglesa.

2.4 Epêntese vocálica

Paiva ressalta que “recorrer à língua materna é, pois, um recurso comum nos estágios iniciais de ASL” (PAIVA, 2014, p. 161). No que diz respeito aos brasileiros aprendizes de língua inglesa, a autora menciona, como um exemplo de fossilização da interlíngua, a inserção da vogal /i/ no início de palavras iniciadas por /s/. Tal exemplificação pode ser explicada por meio da *transferência linguística*, primeiro processo psicológico central apontado por Larry Selinker já comentado anteriormente, uma vez que houve a ocorrência do fenômeno fonológico da epêntese inicial. Por esse motivo, os brasileiros aprendizes de Inglês, no exemplo referido por Paiva (2018), encontraram dificuldades no momento da produção oral.

O conceito de epêntese pode ser descrito como um fenômeno fonológico de acréscimo de um fonema vocálico no interior de uma determinada palavra. A autora Cristóvão Silva considera que, no português brasileiro, transcorre uma particularização da epêntese, que consiste na “inserção de uma vogal entre as consoantes em encontros consonantais que

⁷ Itens linguísticos, regras e subsistemas que falantes de uma língua materna específica tenderão a manter em sua interlíngua referente a uma dada língua-alvo (SELINKER, 1972, p.215)

envolvam oclusivas⁸, africadas⁹, nasais¹⁰ ou fricativas¹¹” (SILVA, 2011, p. 99) com o intuito de evitar, segundo Silva (2015) uma sílaba travada em palavras como “af[i]ta, op[i]ção, p[i]sicologia, p[i]neu, rit[i]mo” (SILVA, 2011 p. 27).

Ampliando essa discussão que visa entender o fenômeno epentético, Bisol (1999) – *em A gramática do Português falado* – enfatiza a epêntese como um fenômeno do Português Brasileiro (PB) causado pelo processo de silabação. Segundo a autora, a epêntese pode ser constituída como um tipo de inserção, que ocorre em todos os níveis lexicais, inclusive no nível pós-lexical. Isso ocorre, porque de acordo com a teoria fonológica, durante a silabação, “uma consoante não apta a ocupar uma posição silábica de ataque ou coda permanecerá não ligada a nenhum nó silábico” (COLLISCHONN, 2003, p. 21), sendo condenada ao apagamento. Bisol afirma que:

Se os princípios de composição da sílaba básica deixarem dessilabado material que viole os princípios universais ou convenções de língua particular, a silabação iterativa, motivada pelo Princípio do Licenciamento Prosódico, processa-se em torno de nós vocálicos vazios, preenchidos, mais tarde, por “default” ou assimilação, legitimando uma configuração silábica. (BISOL, 1999, p. 729)

Seguindo o padrão convencional da sílaba CCVC (consoante, consoante, vogal, consoante), Bisol (1999) alude o fenômeno fonológico da epêntese por meio da palavra “*ritmo*” a partir do modelo arbóreo definido por Selkirk (1982):

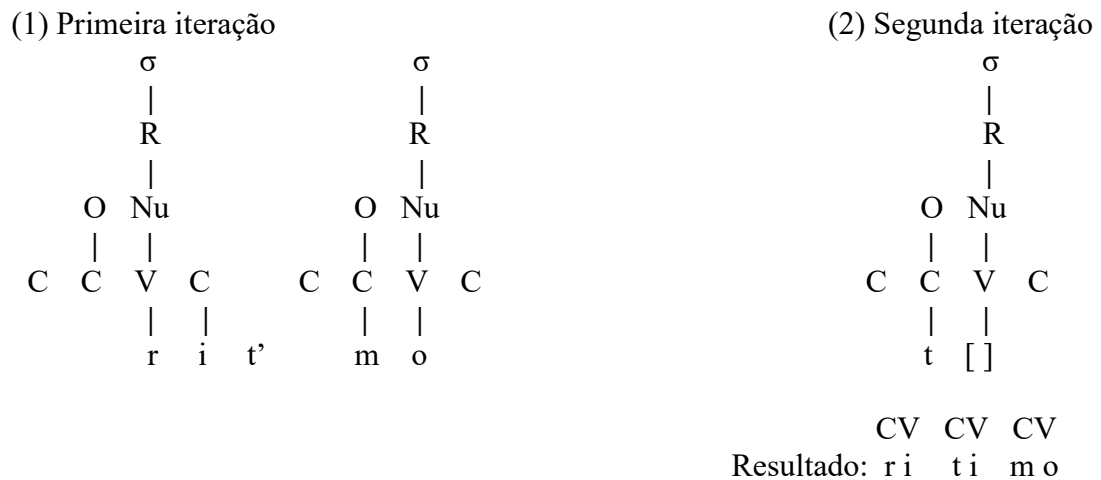
⁸ **Oclusiva:** Os articuladores produzem uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca. O véu palatino está levantado e o ar que vem dos pulmões encaminha-se para a cavidade oral. Oclusivas são portanto consoantes orais. As consoantes oclusivas que ocorrem em português são (brevemente identificarem os símbolos fonéticos que serão utilizados em transcrições): pá, tá, cá, bar, dá, gol. (SILVA, 2003, p.33)

⁹ **Africada:** Na fase inicial da produção de uma africada os articuladores produzem uma obstrução completa na passagem da corrente de ar através da boca e o véu palatino encontra-se levantado (como nas oclusivas). Na fase final dessa obstrução (quando se dá a soltura da oclusão) ocorre então uma fricção decorrente da passagem central da corrente de ar (como nas fricativas). As consoantes africadas que ocorrem em algumas variedades do português brasileiro são tia, dia. (SILVA, 2003, p.33)

¹⁰ **Nasal:** Os articuladores produzem uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca. O véu palatino encontra-se abaixado e o ar que vem dos pulmões dirige-se às cavidades nasal e oral. Nasais são consoantes idênticas às oclusivas diferenciando-se apenas quanto ao abaixamento do véu palatino para as nasais. As consoantes nasais que ocorrem em português são: má, nua, banho. (SILVA, 2003, p.33)

¹¹ **Fricativa:** Os articuladores se aproximam produzindo fricção quando ocorre a passagem central da corrente de ar. A aproximação dos articuladores, entretanto, não chega a causar obstrução completa e sim parcial que causa a fricção. As consoantes fricativas que ocorrem em português são: fé, vá, sapa, Zapata, chá, já, rata

Figura 2 – Representação Arbórea



Fonte: BISOL (1999, p. 729-730)

Em conformidade com essa representação arbórea, pode-se determinar que a epêntese unifica a consoante *t'* à vogal *i*, gerando uma sílaba aberta em decorrência da vogal (V), atendendo-se, assim, à condição do modelo convencional de sílaba CV, do qual o núcleo sem traço, apresentado no modelo arbóreo anterior, é completado, em seguida, por um princípio de redundância, referido por Leda Bisol como “default”.

Levando em consideração a análise feita por Bisol a respeito do acréscimo vocálico no interior da sílaba do português brasileiro, foi possível constatar que as diferenças na estrutura silábica entre o português e o inglês podem se justificar por meio da ocorrência da epêntese na interlíngua do aprendiz. Tal fenômeno pode ser explicado pelo processo de *transferência linguística*⁷ da L1 para L2. Dessa forma, ao produzir, em língua inglesa, sílabas que não atendem ao padrão canônico das sílabas em PB, o falante tende a inserir uma vogal no início ou no final da sílaba.

Os contextos de realização da vogal epentética no interior da sílaba, realizada por falantes brasileiros aprendizes de inglês, ocorrem, segundo Cristóvão Silva (2015), em posição de ataque (onset) quando há o fonema /s/ seguido de um outro som consonantal, como por exemplo: sky [is.ˈkaɪ] e star [ɪs.tɑː]; em posição de coda final, na ocasião em que as palavras terminam com as consoantes oclusivas bilabiais /p/ e /b/ e com as oclusivas velares /k/ e /g/, como por exemplo em hope [hoʊpi], dog [dɒgi] e cut [kʌtʃi] e, por fim, ainda fundamentado em Silva (2015) o fenômeno epentético acontece nos casos em que os sons consonantais /p/, /b/, /k/, /g/ ocorrem em final de sílaba e são seguidos de outro som consonantal, como em actor [akɪtɔːr]. Este trabalho se deterá, no primeiro caso, focalizando a epêntese nos encontros consonantais /st/ e /sp/.

3 METODOLOGIA

A análise sobre a qual se deu o presente trabalho foi baseada em falas registradas pelo corpus COBAI¹². O Corpus foi elaborado pelo projeto C-Oral Brasil, que se encontra no Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL) da UFMG, e é coordenado pelos professores Tommaso Raso e Heliana Mello, aos quais agradecemos pela colaboração, sem a qual o trabalho seria inviável. O COBAI compõe um projeto de abrangência internacional idealizado, inicialmente, na Université Catholique de Louvain, na Bélgica, nomeado Louvain International Database of Spoken English Interlanguage (LINDSEI) que propõe um estudo, em diferentes países, de corpora orais de aprendizes da língua inglesa.

O projeto C-Oral Brasil tem, no total, cerca de 200 textos e 300.000 palavras. No que se refere ao COBAI, o Corpus inclui arquivos de fala de 50 participantes aprendizes de Inglês como segunda língua em diferentes estágios de aprendizagem, com tempos variáveis de estudo da língua na escola e na universidade, e inclui, em certos casos, períodos em que os aprendizes viveram em países anglófonos. Os metadados, também, dão conta do período de tempo em que cada participante viveu em um país anglófono e se é aprendiz de outras línguas estrangeiras.

Os informantes eram, no momento da coleta de dados, estudantes do curso de Letras na UFMG, de diferentes períodos. Fica implícito, por meio das gravações, não apenas o nível de inglês, (relacionado, geralmente, ao período de estudo ou imersão na língua, que é evidenciado nos metadados) mas também as diferentes esferas sociais às quais os estudantes pertencem.

Para compor a amostra deste estudo, selecionaram-se 10 informantes do corpus COBAI, os quais foram divididos em 5 grupos de acordo com o tempo de estudo de inglês na escola e na universidade, e com período de vivência em países anglófonos. O fator “poliglotismo” também foi considerado.

A análise foi realizada com dois informantes em cada um dos 5 grupos, com a finalidade de estabelecer uma comparação entre os grupos. Por conseguinte, a escolha dos informantes foi feita com base nas seguintes variáveis: Grupo 1: informantes que estudaram a língua inglesa na universidade em uma escola de idiomas, a qual um estudou por 3 anos e outro por 5 anos; Grupo 2: informantes que estudaram inglês apenas na universidade; Grupo 3: informantes que estudaram inglês em uma escola de idiomas, na universidade e que falam outras línguas; Grupo

¹² RASO, Tomaso. MELLO, Heliana. **COBAI: Corpus Brasileiro de Aprendizes de Inglês**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. Acesso em: <<http://www.c-oral-brasil.org/>>

4: informantes que estudaram inglês em uma escola de idiomas, na universidade e fizeram, igualmente, intercâmbio de três meses; e, por fim, Grupo 5: informantes que estudaram inglês em uma escola de idiomas, na universidade e residiram no exterior por mais de três anos.

A importância de se incluir na análise dados diversificados, ocorre pelo fato de a ASL ser entendida como um Sistema Adaptativo Complexo e, como tal, ser suscetível a variações derivadas de fatores externos e internos. Para além disso, Silva e Rodrigues (2011), na resenha do livro “Language as a Complex Adaptive System”, de Larsen-Freeman e Ellis, apontam que, para um estudo significativo da aquisição da linguagem, é essencial levar em consideração a interação entre aprendiz/usuário e ambiente. As autoras afirmam que, apesar de que “lidar com tantas variáveis pode dificultar o trabalho, é enfatizado que sem a integração de todos os fatores envolvidos, não se pode chegar à real complexidade¹³ do processo.” (SILVA e RODRIGUES, 2011, p. 316). Assim, pode-se entender que, ao considerar a teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos, as variáveis disponibilizadas nos metadados do corpus são de fundamental importância para se realizar este estudo.

Encontra-se, abaixo, a tabela 1, a qual apresenta os metadados dos informantes selecionados. É válido ressaltar que as cédulas destacadas com cores mais escuras evidenciam as variáveis que diferenciam os grupos entre si.

Tabela 1 – Metadados dos grupos 1, 2, 3, 4 e 5

Grupo	Identificação dos informantes	Tempo de inglês na escola	Tempo de Inglês na universidade	País Anglófono	Data	Duração	Outras Línguas
1	BR022	10	2	N	N	N	N
	BR044	11	2	N	N	N	N
2	BR002	N	2	N	N	N	N
	BR046	N	2	N	N	N	N
3	BR006	5	2	N	N	N	ITAL/ESP/ ALEM/NOR
	BR023	10	2	N	N	N	ALEM/ FRAN/RUSSO
4	BR001	4	3	USA	2010	3m	N
	BR030	7	4	USA	2010	3m	N
5	BR018	7	2	USA	2002- 2005	3 anos	N

¹³ Sistema multifacetado, com diferentes elementos que interagem de forma dinâmica

BR042	7	3	Nova Zelândia/ Austrália/Inglaterra	2001	5 anos	N
-------	---	---	--	------	--------	---

Fonte: Dos autores (2021)

A seguir, serão apresentadas a análise e a discussão dos resultados dos dados coletados por meio do corpus COBAI (MELO, 2012).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, serão analisados e discutidos os dados coletados ao longo da pesquisa a partir do corpus COBAI. Inicialmente, a tabela 2 apresenta os resultados de ocorrências de epêntese referente a todos os grupos analisados para cada cluster e para os dois clusters juntos.

Tabela 2 – Epêntese nos cluster /st/ e /sp/

Cluster	Nº de ocorrências sem epêntese	Percentual de ocorrências sem epêntese	Nº de ocorrências com epêntese	Percentual de ocorrências com epêntese	Total
/st/	104	85%	18	15%	122
/sp/	61	76%	19	24%	80
Total geral	165	82%	37	18%	202

Fonte: Dos autores (2021)

Verifica-se nos resultados totais apresentados na tabela 2 que, de um total de 202 ocorrências tanto com o cluster/st/ quanto com o /sp/, 37 foram com epêntese vocálica, o que corresponde a 18% dos dados e 165 palavras pronunciadas com os clusters sem a inserção da vogal epentética, o que resulta em 82% do total de ocorrências. Levando em consideração o cluster /st/, os informantes apresentaram um total de 122 ocorrências, do qual 18 foram com epêntese, o que equivale a 15 % dos dados e 104 ocorrências sem epêntese, o que é equivalente a 85% do total. Por último, observa-se que de um total de 80 ocorrências com o cluster /sp/, 19 foram com epêntese, representando 24% e 61 de ocorrências com epêntese, a qual representa um percentual de 76% do total.

É relevante destacar, diante dos dados apresentados de todos os grupos, que houve mais ocorrências de palavras pronunciadas com o cluster /st/ do que com o cluster /sp/, pois era um

total de 122 ocorrências com /st/ e 80 com /sp/. No entanto, o maior percentual de epêntese foi no encontro menos frequente: 24% de epêntese em /sp/ e 15% em /st/.

Inicia-se, agora, a análise para cada um dos 5 grupos aqui analisados. Veja-se a tabela 3 com os dados do grupo 1.

Tabela 3 – Grupo 1 (informantes BR022 e BR044)

Cluster	Nº de ocorrências sem epêntese	Percentual de ocorrências sem epêntese	Nº de ocorrências com epêntese	Percentual de ocorrências com epêntese	Dados com ocorrências de epêntese	Transcrição fonética dos dados das ocorrências com epêntese	Total
Informante BR022							
/st/	16	69,5%	7	30,5%	stayed; stayed; started; stayed; stadium; studying; stayed	[ɪsteɪd]; [ɪsteɪd]; [ˈɪstɑ:tɪd]; [ɪsteɪd]; [ˈɪsteɪdiəm]; [ˈɪstʌdiŋ]; [ɪsteɪd]	23
/sp/	8	80%	2	20%	speak; speak	[ɪspi:k]; [ɪspi:k]	10
Total geral	24	73%	9	27%			33
Informante BR044							
/st/	11	69%	5	31%	start; start; start; still; still	[ɪstɑrt]; [ɪstɑrt]; [ɪstɑrt]; [ɪstɪl]; [ɪstɪl]	16
/sp/	6	86%	1	14%	speaker	[ɪspɪkər]	7
Total geral	17	74%	6	26%			23
Total geral dos informantes	41	73%	15	27%			56

Fonte: Dos autores (2021)

Os dados retratados na tabela 3, referente ao primeiro grupo, revelam que, de um total geral de 56 ocorrências, realizadas pelos informantes BR022 e BR044 (última linha na oitava coluna), 15 foram com epêntese vocálica, o que equivale a 27% de ocorrência com fenômeno observado e 41 ocorrências de não inserção da vogal epentética, o que é equivalente a 73% do total de ocorrências. Uma vez que os dois informantes desta pesquisa aprenderam inglês como L2 em situação formal de aprendizagem, isso remete ao fato de que o nível de instrução formal

na aprendizagem de uma determinada língua estrangeira padrão nem sempre é suficiente para desenvolver por completo a aquisição fonológica do aprendiz de L2.

Tal observação retoma a ideia do mecanismo de fossilização mencionado anteriormente na seção “A noção de interlíngua”. De acordo com Selinker, a fossilização ocorre “independentemente da idade do aprendiz ou do montante de treinamento que recebe na LA” (SELINKER 1972 p.293), ou seja, A tendência ao acréscimo da vogal epentética se mantém, mesmo que os estudantes tenham um período de estudo da língua inglesa relativamente longo em ambientes formais de aprendizagem.

Em relação ao total de dados do primeiro informante (BR022), que estudou inglês por dez anos em escola de idiomas e por dois anos na universidade, foi realizado um total de 33 ocorrências, sendo 23 ocorrências de palavras pronunciadas com cluster /st/, que apresentou maior número de ocorrências, e 10 ocorrências de palavras com cluster /sp/, que teve menor número de ocorrência neste grupo. Do total de ocorrências com o cluster /st/, houve 7 com epêntese vocálica, que representa 30,5% e com o cluster /sp/, houve 2 ocorrências de epêntese, o que representou 20% do total de ocorrências.

O segundo informante (BR044), assim como o primeiro, estudou inglês, até o momento de participação no corpus COBAI, por dois anos na universidade e por onze anos em escola de idiomas. A respeito dos dados evidenciados na tabela 2, foram observados, ao total, 16 ocorrências com o cluster /st/ e 7 ocorrências com o cluster /sp/. Verifica-se um número de 5 ocorrências com epêntese vocálica em palavras pronunciadas com encontros consonantais /st/, o que corresponde a 27% do total de ocorrências e 1 ocorrência de vogal epentética com o cluster /sp/, correspondendo, assim, a 14% das ocorrências.

Em relação ao contexto fonológico precedente de ambos informantes, os dados revelam que, tanto em BR022, quanto em BR044, os contextos vocálicos são mais propensos à aplicação da epêntese vocálica no encontro consonantal /st/, uma vez que houve maiores níveis de ocorrência de epêntese no referido cluster, o que pode ser exemplificado por meio das palavras “stayed; stadium; start; still” que foram pronunciadas como “[ɪsteɪd]; [ɪsteɪdiəm]; [ɪstɑrt]; [ɪstɪl]”.

A próxima análise será da Tabela 4, referente ao grupo 2.

Tabela 4 – Grupo 2 (Informantes BR002 e BR046)

Cluster	Nº de ocorrências sem epêntese	Percentual de ocorrências sem epêntese	Nº de ocorrências com epêntese	Percentual de ocorrências com epêntese	Dados com ocorrências de epêntese	Transcrição fonética dos dados das ocorrências com epêntese	Total
Informante BR022							
/st/	8	20%	2	20%	start; study	[ɪstɑrt]; [stʌdi]	10
/sp/	10	61,5%	16	61,5%	speech; speak; speak; speak; speech; speak speech; specific specific; speak; speak; speak; speak; speak speak; specific	[ɪspɪʃ]; [ɪspɪk]; [ɪspɪk]; [spɪk]; [ɪspɪʃ]; [ɪspɪk] [ɪspɪʃ]; [ɪspə' sɪfɪk] [ɪspə' sɪfɪk]; [spɪk;] [ɪspɪk]; [ɪspɪk]; [ɪspɪk]; [ɪspɪk] [ɪspɪk]; [ɪspə' sɪfɪk]	26
Total geral	18	50%	18	50%			36
Informante BR044							
/st/	8	20%	2	20%	start; stay	[ɪstɑrt]; [ɪsteɪ]	10
/sp/	3	0%	0	0%			3
Total geral	8	15%	2	15%			13
Total geral dos informantes	29	41%	20	41%			49

Fonte: Dos autores (2021)

A tabela 4, do segundo grupo, contém os dados dos informantes BR002 e BR046. Conforme a tabela dos metadados dos informantes, apresentada na seção “Metodologia”, observa-se que ambos, até o momento de coleta de dados, estudaram inglês na faculdade por 2 anos, não estudaram em escolas de inglês, não fizeram intercâmbio em países anglófonos e não possuem fluência em outras línguas, além do inglês. Dessa forma, é possível constatar variáveis idênticas entre eles.

Para além disso, ao analisar a tabela 4 com os dados referentes ao grupo 2, pode-se notar que o número de ocorrências, com o fenômeno da vogal epentética, aumentou drasticamente em relação aos dados do grupo 1, apresentados na tabela 3. Isso se relaciona a um princípio da teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos, na qual considera uma variedade de fatores que podem inferir no processo de aquisição de segunda língua de cada indivíduo, tais como “idade, aptidão, fatores sociopsicológicos, como motivação e atitude, fatores de personalidade, estilos

cognitivos, hemisférios do cérebro, estratégias de aprendizagem, sexo, ordem de nascimento, interesses etc” (PAIVA, 2014, p. 146).

No que diz respeito aos dados tanto do informante BR002, quanto na do informante BR046, foram igualmente observadas 10 ocorrências com o cluster /st/ e, dentre tais ocorrências, 2 foram com epêntese, o que corresponde a 20% dos dados. Por outro lado, os dados do informante BR002 apontaram para um número total de 26 ocorrências com o cluster /sp/, com 16 ocorrências com a vogal epentética, o que representa uma porcentagem de 61,5%, enquanto o informante BR046 apresentou apenas 3 ocorrências com o cluster /sp/, com nenhuma ocorrência com inserção de epêntese.

As semelhanças entre as variáveis dos dois informantes, contrastadas com as discrepâncias entre as ocorrências de epêntese nas palavras pronunciadas com o cluster /sp/, remetem à teoria da complexidade, sobre a qual, Larsen-Freeman afirmam ser um sistema não linear: “sistemas não lineares também podem, às vezes, exibir linearidade, no entanto, em outras ocasiões, eles podem reagir de uma forma totalmente desproporcional à causa” (LARSEN-FREEMAN, 1997, p. 193). Isso significa dizer que ocorreram variações entre os totais dos informantes BR002 e BR046, ainda que haja fatores externos nos quais eles se assemelham, como observado na tabela 4.

Apresentam-se, agora, os dados do grupo 3 na Tabela 5.

Tabela 5 - Grupo 3 (Informantes BR006 e BR023)

Cluster	Nº de ocorrências sem epêntese	Percentual de ocorrências sem epêntese	Nº de ocorrências com epêntese	Percentual de ocorrências com epêntese	Dados com ocorrências de epêntese	Transcrição fonética dos dados das ocorrências com epêntese	Total
Informante BR006							
/st/	11	92%	1	8%	started	[ɪstɑrtəd]	12
/sp/	2	100%	0	0%			2
Total geral	13	93%	1	7%			14
Informante BR029							
/st/	11	92%	1	8%	started	[ɪstɛrɪŋ]	12
/sp/	5	100%	0	0%			5
Total geral	16	94%	1	6%			17

Total geral dos informantes	29	93,5%	2	6,5%	31
------------------------------------	-----------	--------------	----------	-------------	-----------

Fonte: Dos autores (2021)

O grupo 3 é formado pelos informantes BR006 e BR023. O informante BR006 estudou em uma escola de idiomas por um período de 5 anos, na universidade por 2 anos e aprendeu Italiano, Espanhol, Alemão e Norueguês. O informante BR023 estudou inglês em uma escola de idiomas por 10 anos, na universidade por 2 anos e, assim como o informante referido anteriormente, aprendeu outras línguas, como: Alemão, Francês e Russo. Ambos não tiveram experiências de intercâmbio ou vivências em países anglófonos.

Nos dados da tabela 5, notam-se 6,5% de ocorrências de palavras pronunciadas com epêntese vocálica. Cabe destacar que o percentual de ocorrências sem a inserção da epêntese foi de 93,5%, o que soma um total de 29 ocorrências tanto com o cluster /st/ quanto com o /sp/. Os informantes BR006 e BR023 apresentaram, igualmente, o total de 12 ocorrências com palavras que possuíam cluster /st/ e, apenas, 1 ocorrência com epêntese, o que representou 8% das possíveis ocorrências. Em relação às palavras pronunciadas com o cluster /sp/, o informante BR006 apresentou o total de 2 ocorrências e nenhuma com epêntese, e o informante BR023 apresentou o total de 5 ocorrências e, da mesma maneira que o informante BR006, nenhuma ocorrência com epêntese.

Em face do exposto, é importante ressaltar que nos dados que compõem o grupo 3, apresentados na tabela 5, o número de ocorrências com o fenômeno da vogal epentética reduziu-se drasticamente em relação aos dados tanto do grupo 1, quanto do grupo 2, evidenciados anteriormente. Baseado na teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos, que leva em consideração inúmeros fatores como responsáveis por interferir no processo de aquisição de L2 (PAIVA, 2014), é possível dizer que o que marca, hipoteticamente, tal redução drástica no número de ocorrências com epêntese do grupo 3 para os grupos 1 e 2 é a peculiaridade que compõe o grupo, que consiste no fator “poliglotismo”.

Será analisada agora a Tabela 6 com os dados do grupo 4.

Tabela 6 - Grupo 4 (Informantes BR001 e BR030)

Cluster	Nº de ocorrências sem epêntese	Percentual de ocorrências sem epêntese	Nº de ocorrências com epêntese	Percentual de ocorrências com epêntese	Dados com ocorrências de epêntese	Transcrição fonética dos dados com ocorrências	Total
Informante BR001							
/st/	17	0%	0	0%			17
/sp/	18	0%	0	0%			18
Total geral	35	0%	0	0%			35
Informante BR030							
/st/	9	0%	0	0%			9
/sp/	7	0%	0	0%			7
Total geral	16	0%	0	0%			16
Total geral dos informantes	51	0%	0	0%			51

Fonte: Do autor (2021)

O grupo 4 é composto pelos informantes BR001 e BR030. Conforme a tabela dos metadados do corpus COBAI, o informante BR001 estudou a língua inglesa em uma escola de idiomas por 5 anos, na universidade por 2 anos e morou, como intercambista, nos Estados Unidos por 3 meses. O informante BR030 estudou inglês por 10 anos em escola de idioma, na universidade por 2 anos e, assim como o informante referido anteriormente, fez um intercâmbio nos Estados Unidos por 3 meses.

No tocante a esses dados coletados para análise é notório que, de um total geral de 51 ocorrências com palavras pronunciadas com os clusters /st/ e /sp/, realizadas pelos informantes BR001 e BR030, não ocorreu nenhuma com epêntese vocálica. Quanto ao total geral dos informantes apresentados, verificou-se que o informante BR001 realizou um total de 35 ocorrências, sendo 17 com o cluster /st/ e 18 com o cluster /sp/ e o informante BR030 realizou 9 ocorrências com cluster /sp/ e 7 com o /st/, totalizando, assim, 16 ocorrências.

Ficam evidentes os fatores que corroboram para esse resultado, ao associar a não ocorrência de inserção da vogal epentética nos clusters iniciais /st/ e /sp/, tanto ao período considerável de estudo em escola de idioma, quanto de vivência em países anglófonos, em que é recorrente o uso da língua inglesa. Em comparação aos grupos de estudantes que tiveram pouca ou nenhuma experiência de imersão na língua inglesa por meio de vivência em um país

anglófono, fica nítida a relação que se estabelece entre o período de contato com a língua e o surgimento de realização de epêntese, em uma ligação inversamente proporcional. Isto posto, pode-se dizer que quanto maior o período de interação social com a língua inglesa, menor a ocorrência de transferências linguísticas da língua materna no uso da segunda língua.

Por fim, será analisado o último grupo deste estudo, o grupo 5.

Tabela 7 – Grupo 5 (Informantes BR018 e BR042)

Cluster	Nº de ocorrências sem epêntese	Percentual de ocorrências sem epêntese	Nº de ocorrências com epêntese	Percentual de ocorrências com epêntese	Dados com ocorrências de epêntese	Transcrição fonética dos dados das ocorrências com epêntese	Total
Informante BR018							
/st/	4	0%	0	0%			4
/sp/	0	0%	0	0%			0
Total geral	4	0%	0	0%			4
Informante BR042							
/st/	9	0%	0	0%			9
/sp/	2	0%	0	0%			2
Total geral	11	0%	0	0%			11
Total geral dos informantes	15	0%	0	0%			15

Fonte: Dos autores (2021)

O grupo 5 inclui os informantes identificados como BR018 e BR042. De acordo com a Tabela 1, dos metadados, o informante BR018 possui 7 anos de estudo da língua inglesa em escola de idiomas, 2 na universidade. Igualmente, o informante BR042 estudou inglês por 7 anos em escola de idiomas e na universidade por 2 anos. Ambos possuem uma longa experiência no exterior. O informante BR018 morou nos Estados Unidos por um período de 3 anos, enquanto BR042 viveu por um período de 5 anos em 3 países anglófonos diferentes: Nova Zelândia, Austrália e Inglaterra. Ambos não são aprendizes de outros idiomas.

Os dados do grupo 5, apresentados na tabela 7, revelam que, de um total de 15 ocorrências com palavras pronunciadas com os clusters /st/ e /sp/, realizadas pelos informantes BR018 e BR042, não ocorreu, assim como apresentado nos dados do grupo 4, nenhuma pronúncia com o fenômeno da epêntese vocálica. No que se refere ao total geral, verificou-se que o informante BR018 realizou um total de 4 ocorrências, sendo 4 com o cluster /st/ e

nenhuma com o cluster /sp/, e o informante BR042 realizou 9 ocorrências com o cluster /sp/ e 2 com o /st/, totalizando, assim, 11 ocorrências.

A partir dessas informações, verifica-se que, diferentemente dos grupos 1, 2 e 3, mas como o grupo 4, os informantes do grupo 5 não apresentaram nenhuma ocorrência com inserção de epêntese vocálica em palavras que contém os clusters /st/ ou /sp/. Tal observação pode ser explicada por meio do mecanismo de fossilização, na qual pode-se entender que, pelo baixo percentual de ocorrências, os integrantes dos dois últimos grupos analisados, 4 e 5, fossilizaram o fenômeno da epêntese vocálica. Entretanto, isso não indica que processo de transferência linguística do fenômeno epentético tenha se dissipado completamente da fala dos informantes BR001, BR030, BR018 e BR042, pois, segundo Selinker, “o mecanismo de fossilização explica o fenômeno do reaparecimento regular, em performances produtivas em interlíngua, de material linguístico que se imaginava erradicado” (SELINKER, 1972, p. 293).

Com base em todas as análises realizadas, verifica-se como o número de ocorrências com o fenômeno linguístico da epêntese varia em cada grupo. No primeiro grupo esse número aponta para um percentual de 27% de ocorrência. Já no segundo grupo, que contém os informantes que estudaram inglês apenas na universidade, o número de ocorrências com a epêntese aumentou para 41%. No terceiro grupo, constata-se uma diminuição para 6,5% no número de ocorrências com a vogal epentética. Por fim, os terceiro e quarto grupos não apresentaram nenhuma ocorrência com a epêntese nas palavras pronunciadas com os clusters /st/ e /sp/, resultando, assim, em um percentual de 0%. Considera-se que os dois últimos grupos alcançaram a “competência de locutores nativos” (SELINKER, 1972, 212) e fossilizaram o fenômeno da epêntese vocálica inicial.

Pode-se verificar, a partir da tabela 8 apresentada abaixo, a somatória das ocorrências com o fenômeno linguístico da vogal epentética. A tabela foi disposta conforme a ordem dos grupos analisados. Na segunda linha da tabela, verifica-se o número absoluto de ocorrências com epêntese e na terceira linha o percentual correspondente às ocorrências.

Tabela 8 – Resultados das ocorrências com epêntese vocálica

Clusters	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5	Total
	15	20	2	0	0	
/st/, /sp/	27%	41%	6%	0%	0%	37

Fonte: Dos autores (2021)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar, com base no Corpus COBAI, a realização da epêntese vocálica inicial nos clusters /st/ e /sp/ por aprendizes brasileiros de língua inglesa como segunda língua, objetivando relacionar os resultados obtidos, à teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos e à teoria da Interlíngua.

Por meio da análise foi possível compreender que o processo de transferência linguística, apontado por Selinker (1972) como parte do mecanismo de fossilização, afeta diretamente na pronúncia de brasileiros aprendizes de língua inglesa. Isso ocorre devido às diferenças entre as configurações silábicas das duas línguas.

Ao analisar as ocorrências de epêntese vocálica na fala dos 10 informantes selecionados, subdivididos em 5 grupos de dois informantes com variáveis semelhantes, à luz da teoria da complexidade, foi possível compreender que a variabilidade é inerente à linguagem, conforme elucidada Ellis (2015), e que diversos fatores podem contribuir para o desenvolvimento individual da aquisição de segunda língua. Tal premissa possibilitou a compreensão sobre as discrepâncias entre dados analisados, mesmo quando as variáveis eram idênticas entre os informantes.

De acordo com os dados expostos na análise, os fatores apresentados pela teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos ajudaram a entender as diferenças entre os resultados obtidos nos grupos. No Grupo 1, houve um percentual de 27% de ocorrências com o fenômeno linguístico da epêntese vocálica; no Grupo 2, esse valor aumentou para 41%; no Grupo 3, houve uma queda brusca que corresponde a 6%. Já nos grupos 4 e 5, esse número caiu para 0%, o que apontou para uma estabilização nas ocorrências com epêntese.

Isso posto, os resultados da análise revelaram que os informantes que tiveram estudo formal de língua inglesa apenas na universidade apresentaram uma maior percentagem de ocorrências de epêntese, em relação aos estudantes que estudaram em escolas de idiomas e na universidade, e revelaram, ainda, que estudantes que fizeram intercâmbio de 3 meses não realizaram nenhuma inserção de epêntese em suas falas, assim como os informantes que viveram em países anglófonos por períodos de 3 e 5 anos.

A realização da epêntese pelos informantes pode ser relacionada ao processo de transferência linguística, o primeiro dos cinco processos centrais de fossilização elencados por Selinker (1972), que associa os itens fossilizáveis na performance em interlíngua à língua nativa, nesse caso, como já mencionado, a produção de epêntese está associada à configuração silábica, que, em língua inglesa, difere da sílaba padrão do português.

À vista disso, foi possível identificar que as teorias de aquisição da linguagem, a teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos e a teoria da interlíngua, em especial no que se refere aos mecanismos de fossilização, estão atreladas diretamente ao processo de aquisição de segunda língua.

6 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BISOL, L. **A sílaba e seus constituintes**. In: NEVES, M. H. M. (org.). Gramática do português falado. 7. Ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p.701-740

COLLISCHONN, Gisela. **Epêntese vocálica no português do Sul do Brasil: variáveis extralinguísticas**. Anais do 5º Encontro do Celsul. Curitiba, 2003, p. 21-27.

CORDER, S. P. **The Significance of Learner's Errors**. International Review of Applied Linguistics, v. 5, n. 4, p. 161-170, 1967.

ELLIS, Rod. **Understanding Second Language Acquisition**. 2. Ed. Oxford: Oxford University Press, 2015.

DEL RÉ, Alessandra *et al.* **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/Complexity science and second language acquisition. **Applied Linguistics**. Ed. 18. Oxford: Oxford University Press. 1997.

LEITE, L. WEISSHEIMER, Janaina. **O Desenvolvimento da Interlíngua na Aprendizagem da Escrita em Inglês em uma Escola Bilíngue**. Revista do GELNE. Vol. 15. 2013, Natal, p. 417-439.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

RASO, Tomaso. MELLO, Heliana. **COBAI: Corpus Brasileiro de Aprendizes de Inglês**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. Acesso em: <<http://www.c-oral-brasil.org/>>

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Aquisição de Segunda Língua**. 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. CORRÊA, Ygor. **Sistemas Adaptativos Complexos: uma entrevista com Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva**. ReVEL, v. 14, n. 27, 2016. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em mar. 2021

SANTOS, Raquel. **A aquisição da linguagem**. Introdução a linguística. 4. ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

SELINKER, Larry. **Interlanguage**. International Review of Applied Linguistics, p. 209-231, 1972.

SILVA, Thais Cristóforo. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Tais Cristóforo. **Pronúncia do Inglês: para falantes do Português brasileiro**. 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2015.

TARONE, Elaine. **The phonology of interlanguage**. Cambridge: Newbury House Publishers, 1987.

SILVA, Leandra Fagundes da. RODRIGUES, Lisandra Rutkoski. **Resenha - Language as a complex adaptive system**. In **Language Learning**. Organon, Porto Alegre, no 51, julho-dezembro, 2011, p. 311-316